# VISÕES DE POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL NO CONCELHO DE VISEU

**Dezembro de 2013**

**Trabalho desenvolvido pelo Conselho Consultivo Local de Viseu**

**Edição: Núcleo Distrital de Viseu da EAPN Portugal**

## INDICE


| | |
|---|---|
| Introdução e enquadramento | 5 |
| Entrevista I | 10 |
| Entrevista II | 14 |
| Entrevista III | 19 |
| Entrevista IV | 23 |
| Entrevista V | 30 |
| Entrevista VI | 38 |
| Entrevista VII | 45 |
| Entrevista VIII | 52 |
| Notas finais | 60 |

## INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO

Os ultimos dados estatísticos, que chegam dos Censos de 2011 colocam Portugal no top 5 dos países com maior desemprego e pobreza da Europa.

No contexto atual, toda a Europa está a viver uma situação de transição, de mudança de hábitos de consumo e de ativação de novas formas de viver e de estar na sociedade, sendo a luta contra a pobreza e a exclusão social os desafios maiores do nosso século, enquanto colidem com o direito ao bem-estar de toda a população, direito que deveria pertencer a toda a sociedade e não só a determinados grupos sociais.

Sendo que existe uma divergência entre as medidas públicas tomadas por alguns governos da União Europeia e as necessidades sociais atuais no contexto de crise, são ainda poucas e/ ou ineficazes as medidas públicas tomadas na luta contra a pobreza e exclusão social.

Nos últimos anos aumentou o número de organizações sem fins lucrativos que visam substituir o papel do Estado e as pessoas que se organizam e se juntam para enfrentar as dificuldades do dia a dia, com o objetivo de combater o flagelo da pobreza, mas a necessidade de uma intervenção governamental é hoje em dia mais necessária do que

antes.

Não se pode permitir que uma pequena fatia de população seja detentora do bem-estar e que as desigualdades continuem sendo tão marcadas. Essa situação leva-nos à percepção de que apenas pequenos grupos de pessoas continuam a participar e tomar decisões para a sociedade no seu todo, fazendo com que se levem vantagens e privilégios a determinadas categorias sociais  enquanto os demais não têm nem os recursos nem a possibilidade de intervir na sociedade em que vivem, sendo a consequência disso a exclusão social, em termos puramente económicos, não deixando de ter repercussões na participação na vida pública.

O trabalho seguinte é fruto de uma série de oito entrevistas feitas no primeiro semestre de 2013 na cidade de Viseu, com pessoas que vivem numa condição de pobreza ou de exclusão social, devido a várias causas. O objetivo é conseguir encontrar os indicadores principais dessa condição atual a partir dos relatos dos mesmos, para que o modelo de decisão ascendente tenha uma aplicação concreta no espaço público e para que esses indicadores sejam tomados como elementos principais  nas politicas públicas e sociais. Destacamos que os entrevistados foram pessoas identificadas por um grupo de trabalho no âmbito do Núcleo de Viseu da Rede Europeia Anti Pobreza, denominado Conselho Consultivo Local, com a designação de Voz Ativa.

O público envolvido é heterogéneo, são homens e mulheres com idades e percursos de vida diferentes, cuja caraterística comum é estar ou ter estado numa situação de pobreza ou exclusão social, tal como desempregados, mães solteiras, mulheres vítimas de violência doméstica, estudantes, trabalhadores precários , imigrantes, entre outros.

Nos textos que apresentamos optámos por colocar um discurso corrido, de acordo com o que nos foi sendo dito pelos entrevistados, mantendo na medida do possível o discurso original e nunca mudando o sentido das palavras e frases que nos foram sendo transmitidas.

Os nomes, por uma questão de privacidade, são ficticios. Associámos à entrevista uma imagem, mostrada por uma palavra escrita pelos próprios entrevistados, que vai descrever as emoções que sentiram no momento de ser auscultadas.

Apresentamos em seguida o guião para as entrevistas feitas:

1. Quais pensa serem as principais causas de pobreza e exclusão social no mundo atual?
2. Em que medida é que a situação em que se encontra é determinada pelo contexto em que vive?
3. Como define o conceito de vida digna? Como envelhecer com qualidade?
4. Que medidas poderá você tomar para alterar/melhorar o seu dia a dia?

5. Se estivesse numa posição em que lhe coubesse a si o poder de decisão, que medidas tomaria para melhorar a sociedade ao nivel económico, social e cultural?
6. Em que medida a educação é acessivel a todos em Portugal?
7. Como vê a situação no mercado de trabalho atual? Que medidas tomaria se fosse um empregador?
8. Como antevê o seu futuro e o da sociedade em que vive?

DADOS

## I. Entrevista

Joana foi a primeira entrevistada. Na hora de chegar ao escritorio onde marcámos o encontro estava muito agitada e confundida. Quando leu as perguntas os seus olhos estavam cheios de medo e de vergonha. Sabia responder, queria dizer o que pensava, mas era muito complicado colocar em palavras os seus sentimentos.

Nome: Joana Gomes

Idade: 36

Sexo: feminino

Estado civil: mãe solteira com dois filhos menores (11-7 anos)

Condição face ao emprego: desempregada

Nível de escolaridade: -

Não sei se consigo responder às tuas perguntas, sinto-me muito agitada e confundida, já fiz alguma coisa desse género num curso de formação, mas estou num periodo muito complicado da minha vida e tenho muita confusão na cabeça...

Ja estou desempregada há varios anos, antes com os meus filhos pequenos não me preocupava muito porque tinha que cuidar deles, mas agora que já cresceram, precisam

de mais coisas e claramente eu não posso dar- lhes.

A falta de emprego está a fazer aumentar a pobreza e cada dia somos mais, não ajuda a subida dos preços e, para aqueles que têm trabalho, os salários não acompanham a inflação. Pessoalmente sinto-me muito em dificuldade, porque além de não trabalhar, também me cortaram medade dos subsidios que recebia para os meus filhos.

Acho que para ter uma qualidade de vida melhor cada um de nós deveria respeitar os direitos dos outros e ter os seus direitos respeitados. É importante ter uma casa e um trabalho digno que possa ser mantido no tempo. Isso, mais o apoio nas questões da saúde, podem ser as variáveis que fazem com que as pessoas envelheçam com qualidade.

Se eu tivesse a possibilidade de melhorar o meu dia a dia gostaria de ter uma casa mais confortável para mim e os meus filhos e um trabalho digno. Além disso também pensaria nos que estão na mesma condição que eu, por exemplo seria muito importante que tivessem mais descontos nos hipermercados, a comida cada vez mais cara nestes últimos tempos, não é muito simples dar de comer coisas saudáveis para os meus filhos. Pensando na situação do trabalho, fico muito desiludida e cada vez com menos motivações e esperanças, muitas vezes aconteceu que fui entregar curriculos em lugares que estavam à procura, mas nunca me chamaram, não por eu não capaz, mas porque na realidade eles não chamaram ninguém. Gostaria que tivessem mais sinceridade quanto às vagas.

Se me coubesse o poder de tomar medidas para melhorar a sociedade, concerteza que criaria mais postos de trabalho, também humanizaria os donos dos hipermercados para distribuir os produtos que já estão perto do fim de validade para que os dessem às famílias carenciadas.  Atiram muita coisa no lixo e isso não acho correto, há muitos que não podem comprar e eles deixam expirar o prazo!

Quanto à educação, não acho totalmente acessivel pois, nem toda a gente tem condições de manter os filhos a estudar, comprar os livros é cada vez mais caro, nem todos o podem fazer, ainda agora em que a situação de trabalho é péssima, não há em lado nenhum, isso é impossivel, tenho muito medo do futuro, não só o meu mas principalmente o dos meus filhos, não sei como isto vai acabar!

Maria

## II. Entrevista

Anabela é uma imigrante brasileira a viver em Portugal já há alguns anos, sentindo na pele alguns tipos de discriminação devido a essa condição.

Nome: Anabela Gonzaga

Idade: 42

Sexo: feminino

Estado civil: solteira

Condição face ao emprego: desempregada

Nível de escolaridade: 12° ano

O desemprego e a educação são as primeiras causas de pobreza e exclusão social, se a pessoa é imigrante ou estrangeira eles não dão oportunidade, eu diria que discriminam aqueles que vêem de fora, essa diferença vê-se muito. Eu moro em Portugal há quatro anos, sou brasileira e antes de chegar tinha uma ideia diferente da Europa, não é aquilo que a pessoa sonha; no Brasil trabalhava numa outra área, cheguei aqui e fazer o quê?... só lavar pratos, limpar o chão, no meu país nunca vou fazer essas coisas. Eu achava que

podia ter mais oportunidades, o Brasil não é tão discriminatório como aqui. Quando vou procurar trabalho noto muita discriminação com os imigrantes, isso é uma causa de exclusão social. Agora se a pessoa estuda no Brasil consegue um emprego, aqui também estudando não encontra nada, na realidade não é o que as pessoas sonhavam, eu já tinha a ideia base de como era, mas tem muitas pessoas que se enganam, não sabem o que os espera.

Há oportunidades diferentes conforme as pessoas, se não tem alguém que te coloca não é facil, há quatro anos atrás não era tão difícil, mas agora com essa crise é ainda pior...

A dignidade da pessoa conquista-se com o ter bom emprego, boa profissão, chega o final de ano e tem os abonos... muitas vezes agora trabalhamos e não recebemos os nossos direitos, como aconteceu comigo em duas empresas, trabalhei dois anos e o patrão ainda me deve 3000 euros, isso não é dignidade. Aqui é mais a favor dos empregadores do que dos empregados, ao nível de governo, de tribunal é mais para o lado do patrão, eles querem fazer dos estrangeiros escravos... eu trabalhava muito, o restaurante fechou, foi à falência, depois abriu outro e também fechou... e até agora nada, deixei passar um ano e dizem que perdi a minha oportunidade de recorrer.

Envelhecer com qualidade é ter um bom emprego e uma boa reforma... mas envelhecer é também não ter nenhuma preocupação, mas se não tem nada, não vai ter nada, não paga segurança social, não vai ter nada... Se a pessoa tem um bom emprego, uma casa, claro

que vive e envelhece com qualidade, mas se não tiver isso como pode ir para um lar? Se não tem reforma, como vai pagar? Vai sofrer! Se tiver filhos, há que ver se eles te querem ajudar.

Se eu pudesse melhorar a minha vida, tentaria fazer cursos de línguas, para adquirir uma profissão, faz falta ter interesse nas coisas, mas também não é facil, muitas vezes fazemos as coisas, depois não há oportunidades e acabamos por desanimar. Um bom trabalho e mais direitos mudariam minha condição mas as oportunidades são poucas e as discriminações são muitas. Eu queria estudar e ter uma posição, falar línguas...

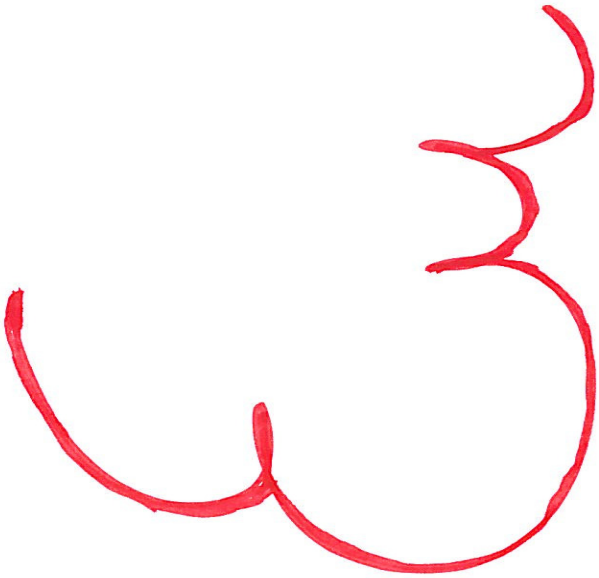
Seria bom dar mais ajuda para estudar e ter uma boa educação, se eu fosse o presidente de Portugal daria mais bolsas de trabalho e estudo, cursos profissionalizantes, criaria mais vagas de trabalho, quando uma pessoa tem emprego já se sente melhor! Também daria incentivos às pessoas que já não são jovens, também para aqueles que já têm idade avançada, ajudava-os a formar-se, daria mais palestras, incentivaria a cultura e desincentivaria a discriminação para aqueles que vêm de fora, explicava-lhes que há que ser mais humilde com todos os seres humanos, todos somos iguais, mas a Europa é muito discriminante para quem vem de fora.

A educação também não é acessível a todos, só para quem é de Portugal. Tenho amigos que estão a fazer cursos e contam que muitas vezes ficam num canto, porque ninguém

fala com eles, porque têm medo que lhes roubem o trabalho. Uma amiga minha fez um curso de massagem e no princípio ninguém a queria no grupo, como se não existisse.

Eu vejo muita crise e poucas oportunidades, há muitas pessoas para poucas oportunidades. Se me coubesse a mim o poder de ser empregador criaria mais estágios e bolsas de trabalho.

Se a comunicação social deixasse de falar tanto em crise a situação melhoraria mais rapidamente, agora a crise pegou moda. Portugal tem muitas coisas boas para dar a conhecer ao mundo, e isso é já uma força.



## III. Entrevista

Paulo é um estudante de técnicas de enfermagem, filho adotivo, morou muito tempo num lar e teve uma infância muito dificil por causa do abandono dos pais naturais e das punições que recebeu no lar. Pertence à geração de jovens desiludidos, com pouca vontade de interação e com poucos interesses. A entrevista com ele foi muito rápida, conseguimos ter uma interação reduzida a poucas palavras.

Nome: Paulo Almeida

Idade: 20

Sexo: masculino

Estado civil: solteiro

Condição face ao emprego: estudante

Nível de escolaridade: 12°

Acho que a causa principal de pobreza do nosso século é talvez a falta de emprego e no que se refere à exclusão social, talvez o racismo.

Na sociedade em que vivo vejo as coisas nem mal nem bem, acho que onde vivo, tirando os ciganos, nao há exclusão, na minha condição nunca me senti excluído.

Acho que se os pobres tivessem qualificações, podiam arranjar trabalho, assim deixariam de ser pobres e teriam uma vida digna. Para mim ter uma vida digna é ter uma vida boa, ter emprego, penso que só seja isso, porque se tiver emprego tudo o resto seriam consequências dessa dignidade. Há pessoas que não têm qualquer ajuda, também a Segurança Social e outras entidades não ajudam muito.

Pensando em mim, como digo aos meus colegas nem sou pobre nem sou rico, vivo com o que eu tenho, mas isso não é digno, faz-me falta dinheiro, faz falta a toda a gente, se uma pessoa quer ir algum lado e não tem a liberdade de ir, é praticamente pobre, a falta de dinheiro é a essência da não dignidade.

Envelhecer com qualidade para mim significa não morrer pobre, ter uma vida média, não ser nem pobre nem rico. As variáveis mais importantes para mim estão principalmente relacionadas com ter sucesso na vida e não ter grandes problemas com ela.

Eu não posso fazer nada para melhorar o meu dia a dia, não gosto de alterar as coisas, gostaria de ter mais tempo livre, mais tempo para descansar, vou à escola às 9 e volto às 6 horas e não consigo descansar muito.

Se me coubesse o poder de decisão, ao nível económico tentaria tirar a sociedade dessa crise, ao nível social tomaria decisões relacionadas com a pobreza e daria mais poder de decisão para o povo, acho que também eles deveriam fazer alguma coisa.

Em Portugal a educação é acessível a todos, a menos que não queiram todos têm a oportunidade de ir à escola e aprender para depois ter um trabalho digno e envelhecer com qualidade... depende das pessoas, ninguém é obrigado.

Vejo muito má a situação do mercado de trabalho, se me coubesse a mim melhorá-la tentaria criar mais postos de trabalho.

No futuro, daqui para a frente não sei como vai ser a realidade, para mim também não vejo nada, estou a fazer um curso que não gosto, então não me vejo nada no trabalho para que eu estudei... se pudesse, faria alguma coisa relacionada com a informática, já que gosto muito de computadores.

BIBLIA

## IV. Entrevista

Joana é uma mulher divorciada com 3 filhos de diferentes homens, o que não é bem visto pela sociedade e a impede de ter uma vida mais estável a vários níveis.

Nome: Joana Correia Cardona

Idade: 37

Sexo: feminino

Estado civil: mãe divorciada

Condição face ao emprego: desempregada

Nível de escolaridade: 12°

A principal causa de pobreza e exclusão social é o desemprego. Falando por mim, já sofri muito por ser divorciada, é a instabilidade familiar. Eu sou técnica comercial e quando cheguei aqui entreguei mais de 20 currículos... quando eu dizia que era divorciada com 3 filhos nunca ninguém me dava uma oportunidade, por causa dos horários, por não poder planificar as horas de trabalho...

Também fui vítima de violência doméstica, sofri muito por isso, até hoje. A droga e o

álcool, acho que estão muito relacionadas com a pobreza, muita gente vai para o vício, como não trabalha... em certos casos há o Rendimento Social de Inserção, mas a mim tiraram-mo já há dois anos e não tenho apoio em lado nenhum, fui obrigada a obter um emprego à noite por causa deles...e há pessoas que recebem esse tipo de ajuda...eu, por mim, preferia que me dessem um emprego, não receber só da Segurança Social, porque há muita gente que vejo no dia a dia que não quer trabalhar, encosta-se e fica com o apoio- "ah ganho todos os meses da assistente social"... muitas vezes acabam por gastar o apoio para os vícios, muitas vezes em vez de comprar alimentos para os filhos acabam por gastar o dinheiro em álcool ou tabaco... Eu pessoalmente sou contra, preferia que me dessem um trabalho com que me pudesse sustentar do que uma ajuda... em último caso, sim, uma ajuda, mas eu não gosto de ficar todo o tempo em casa, também quero socializar. Por isso decidi fazer um curso, fui eu a ir procurar, tive a sorte de ser selecionada...com os problemas pessoais que tenho, sou mãe de três filhos, um com 18 anos, que é uma pessoa muito complicada, eu noto que aprendo sempre...Então acho que seria muito melhor ajudar as pessoas a achar um trabalho em vez de sustentar através de apoios.

Na situação em que vivo, no contexto de Viseu as pessoas são um bocado preconceituosas. Onde trabalhei antigamente queriam uma referência por parte de alguém de Viseu, as pessoas ficam desconfiadas. Também por ser mulher e divorciada...

lá no Algarve as pessoas não eram tão preconceituosas.

Com um trabalho seguro ja dá para ter uma vida digna, normal, para sustentar uma casa, os filhos.... também com uma familia estruturada, na minha situação é muito dificil. Envelhecer com qualidade é ter a sua forma de trabalhar e de viver a vida, ter a sua vida própria e as condições todas, boa saúde, se for para um lar ter as condições necessárias, não é só ter dinheiro....

Para melhorar o meu dia a dia eu deveria arranjar um emprego, se eu tivesse um emprego estável...por exemplo, estou numa ação de formação, só ganho 146 euros, pago aqui uma renda de 300 euros e faço as minhas refeições na Santa Casa da Misericórdia e foi preciso ter uma pessoa amiga para eu conseguir fazer as refeições lá. Quer dizer, ganho 146 euros, ganho 100 da pensão da minha filha de 13 anos e 60 do mais pequeno... são os meus rendimentos, porque o mais velho não ganha nada, não trabalha, não estuda, não faz nada....e o dinheiro que eu ganho é para a renda e mesmo assim para eu conseguir pagar alguma conta nem sempre é possível, os pais dos meus filhos não me ajudam, trabalho 7 horas por dia e só ganho 146 euros, pelo menos deveriam pagar-nos um pouco mais... e depois nos ali fazemos o almoço e os miúdos comem na escola, mas também tenho que comprar as coisas para a criança, papas, leite....

Se me coubesse melhorar a situação na sociedade eu criaria mais postos de emprego,

acho que faz falta em Portugal... cortam muito a quem não devem, vão cortar aos mais pobres... agora cortam muito o salário aos reformados, que não têm dinheiro nem para os medicamentos...se ganhassem 1000 ou 2000 euros no ordenado....como estamos agora como é que o país vai crescer? Não há condições de trabalho, não há poder de compra. Eu criaria mais postos de trabalho, abriria mais fábricas, tentaria explorar mais a cultura portuguesa, porque temos muita coisa bonita para oferecer, também ao nível da divulgação. Ao nível social, eu falo propriamente por mim, da violência domestica, já que fui vítima de maus tratos, fui obrigada a viver numa instituição, não desejo isso a ninguém, mas hoje entendo...há muitas pessoas que não têm coragem de sair de casa, eu sofri tentativas de assassinato, fiquei na miséria, mas deixei tudo pelos meus filhos, fui para uma instituição onde misturam pessoas com sofrimentos diferentes, havia pessoas que tinham problemas com o álcool, de drogas, prostitutas, poucas condições higiénicas...depois não há acompanhamento. Acabei por estragar a minha vida...até hoje estou revoltada, fiz muitos sacrifícios, tive muito sofrimento. Vim de uma família com um pai que tinha muitos filhos, uma familia desestruturada, foi-me imposto casar com um homem que não escolhi, não tive escolha, para fugir de um problema fui para outro, tive o primeiro filho com esse homem, fugi com um outro, o pai da minha filha... fui embora com outro porque queria fugir de um problema mas meti-me num outro, com ele estive casada 10 anos. Depois conheci o pai do mais pequeno, que era um ex-toxicodependente, vivia só para a droga, quando estava bem era uma pessoa, quando estava mal era um

teatro...depois ele chegou-me maltratar fisicamente e psicologicamente, eu tinha que estar em casa e não podia ver ninguém, senti-me tão mal...dizia “não vales nada....” e coisas desse tipo, perdi toda a confiança no mundo, os filhos foram-me retirados e o maior meteu-se na droga, nos roubos. Quando pedi ajuda fui discriminada por ter filhos de pais diferentes, fui vista como uma prostituta só por ter um filho de cada pai. Acho que os assistentes sociais deveriam ter mais sensibilidade. Por isso gosto muito da instituição social que frequento agora em Viseu, ali temos um psicólogo, que é boa pessoa. Quando entrei lá pensei que só havia sem abrigo ou pessoas que viviam na rua, mas há muita gente como eu...

Acho que a educação não é acessível a todos, eu falo por mim, por exemplo, falando da minha filha... antigamente davam os livros todos, já o ano passado não foi assim, só deram uma parte, eu não tinha condições, foi uma amiga que me pagou os livros, ajudou-me com os livros da filha dela... este ano já começa o mais pequeno, estou preocupada porque tenho que pagar mais de 60 euros ao jardim da infância para os almoços e ainda não posso pô-lo num jardim da infância público, porque nas férias fecha... se eu arranjo trabalho onde vou deixá-lo? Para quem tem menos possibilidades, deveria haver uma ajuda na educação.

Vejo como muito má a situação do mercado de trabalho atual, há uns anos, podíamos sair de um lugar para entrar num outro, agora já não...nas entrevistas dizem “ja é velha..” Já

que tenho o curso de técnica comercial, fui fazer uma entrevista para vender móveis, mas o senhor disse que eu não tinha corpo adequado para trabalhar numa loja e que era velha demais...

Se eu fosse um empregador, comportava-me da forma como queria que me tratassem... daria às pessoas o que elas mereciam, respeitava os seus direitos... há muitos que tratam as pessoas como se eles fossem superiores, isso não é correto! Nós precisamos de um patrão como eles precisam de um empregado... não se faz uma coisa sem a outra!

O futuro parece negro... mas espero que as coisas melhorem. Na sociedade vejo cada vez mais pobreza, mais roubos, mais maus tratos, abandonos, vejo cada vez mais familias desfeitas, por falta de dinheiro, de condições...

Eu acredito em Deus e espero que ele me dê a força  e a esperança para um futuro melhor!

ESCADA

## V. Entrevista

Marina é professora na escola primaria, encontrámo-nos ao final da tarde no café onde ela costuma passar todos os dias depois do trabalho. Marina teve um AVC infantil aos 5 anos mas nunca soube as causas desse mal que limitou a sua vida. Hoje mora com o companheiro e com as duas filhas, que teve de uma outra relação. Marina tem problemas motores e no uso da mão direita, mas conseguiu superar as dificuldades, lutando e querendo chegar no mesmo nível do que "as pessoas normais" como ela as definiu, agora tem um trabalho e uma estabilidade, vê-se ela também uma "pessoa normal"!

Nome: Marina Cardona

Idade: 42

Sexo: feminino

Estado civil: união de facto

Condição face ao emprego: empregada

Nível de escolaridade: 12° ano e vários cursos fora da universidade

As causas da pobreza no mundo atual estão muito relacionadas com os problemas

financeiros mas também com a mentalidade. Senti muito as causas da exclusão social por causa da minha deficiência, senti-me excluída da sociedade e por isso tive que andar muito. Agora já me aceitam, foi uma luta constante, mas ainda estou a lutar! Há muitas pessoas que não aceitam! A mentalidade das pessoas também leva a que a exclusão social seja um dos principais problemas sociais, se estivessem mais abertas a várias situações... eu falo por mim, nós, pessoas com deficiência, estamos muito escondidos, não nos mostramos perante a sociedade porque há varias instituições por aí que escondem completamente. Se fossem mais livres, acho que as pessoas ajudavam mais em relação àquilo que eles precisam realmente. No passado as pessoas ajudavam-se mais umas às outras, agora não se faz mais isso, a mentalidade das pessoas modificou-se completamente.

Tenho duas filhas e elas não me consideram deficiente, dizem-me "Mãe eu esqueço completamente isso". Eu faço tudo em casa, só com uma mão, elas esquecem completamente a minha deficiência, mas eu preciso da ajuda delas.

A sociedade não ajuda a superar os obstáculos, fui eu que tive que lutar para alcançar os objetivos, a sociedade foi muito injusta comigo, absolutamente... ainda arranjei amigos, mais isso é raro hoje em dia... ainda tenho amigos que me ajudaram a superar as dificuldades na minha adolescência, porque não sabiam todos que tinha tido um AVC e

diziam-me “Connosco estás à vontade”. Mas tive muitos obstáculos, no contexto de Viseu foi muito difícil ao nivel do trabalho. Por causa da minha deficiência, sou sincera, foi muito complicado entrar onde estou agora, nós temos muito que lutar ainda, muito mais, há muitas pessoas que chegam à adolescência e não têm força de vontade para lutar, e para ultrapassar os obstáculos, o que é que elas fazem? Ficam escondidas em casa, é por isso que não se convive diariamente com alguém que é deficiente... há dois povos, a sociedade em si e os deficientes, mas a sociedade acho que tem a obrigação de tratar-nos como pessoas, não somos animais, precisamos de trabalhar, temos a nossa vida, normalíssima, como as outras pessoas, precisamos de ter dignidade.

A dignidade para mim é viver no dia a dia, dar um futuro melhor às minhas filhas e viver com respeito, isso é o essencial. Se a sociedade não nos respeita, como é que quer que eu a respeite também?

Eu sou economicamente independente, lutei por isso, ainda mais do que os outros, temos a consciência disso, por estar na escola a trabalhar com crianças, tento sempre mostrar-lhes um bocado da minha deficiência, para que eles realmente percebam e aceitem, porque há muitas crianças que não conseguem habituar-se. Como é que se explica a crianças de 6 anos o que é que me aconteceu? Eu tenho que explicar isso com palavras que elas percebam, é muito engraçado, porque expliquei-lhes o que me aconteceu, o contato é muito importante... outra vez foi engraçado, porque elas estavam a pintar-me as unhas e quando dei a minha mão doente elas também pintaram... uma delas reagiu,

porque eu, ao dar-lhe a minha mão e ela pegar nela, ficou com uma expressão estranha, porque nunca tinha visto uma mão assim. A minha mão é realmente complicada para pintar as unhas mas pouco a pouco ela realmente perdeu os complexos e a impressão e eu disse-lhe " eu sei, mas realmente eu sou assim". Ela perguntou "mas o que é que te deu?" e eu " um AVC". Tive que explicar o que era um AVC, porque há muitos que não sabem... as unhas não ficaram tão lindas, mas pelo menos deu para passar algum conhecimento.

Para envelhecer com qualidade é preciso ter saúde, para criar os netinhos, não é? Felizmente poderei tê-los, mas se continuar assim eu acho que as minhas filhas não irão ter, uma tem 17 e a outra 15, agora saem muito mais tarde de casa...

Ja estou cansada de lutar, tive que lutar muito e às vezes ser um bocado chata para atingir as metas, andei sempre em trabalhos carenciados, mas nunca desisti, sempre lutei para ter um trabalho digno, queria trabalhar, tinha duas filhas e naquela altura estava sozinha... lutei e consegui o trabalho que eu gosto, apesar de ter entrado pela minha deficiência, mas consegui e agora tenho uma vida estabilizada, não posso dar tudo às minhas filhas porque acho que também elas têm que lutar pela vida , mas tenho um companheiro que também trabalha e fazemos todas as contas juntos, ainda conseguimos chegar ao final do mês... não quero ser rica!

Gostaria muito de passar a minha experiência para dar força a outras pessoas que estão

na mesma situação, às crianças por exemplo, porque acho que elas são as primeiras que precisam de ser motivadas. A primeira vez que tive essa experiência tinha 22 anos foi numa instituição social, lá ultrapassei tudo! O primeiro impacto foi difícil, ao ver crianças pequeninas...nunca tinha tido esse contato, só ia lá fazer fisioterapia e coisas desse género, quando fui trabalhar lá mostraram-me a instituição toda, e vendo aquelas crianças, tão pequenas e sozinhas, em cadeira de rodas, ali paradas... pensava: "como é que eu vou agora trabalhar com adultos que estão com o mesmo problema que eu, que não têm a capacidade para fazer as coisas por sua conta?". Depois pensei, "se eu também sou assim e tenho capacidade de ajudar pessoas que estão na mesma situação ou pior do que eu, porque os outros não podem?"... Eu acho que nós todos deveríamos passar por lá e ver como podemos ter mais energia e coragem para fazer as coisas. Ao sair de lá, tinha muito mais coragem, e pensei "Agora não há ninguém que me pare". Depois disso trabalhei no hospital, com crianças autistas, naquela altura não sabia nada dessa doença e tive que começar a estudar o que era essa síndrome, descobri muita coisa sobre os diferentes graus de autismo... foi mesmo difícil mas deram-me ainda mais força para poder seguir no meu caminho.

Se eu fosse uma pessoa com poder de decisão primeiro tiraria as crianças da miséria, acabaria com a pobreza infantil, arranjaria várias soluções para dar-lhes uma educação melhor, há muitas instituições que não fazem nada, que só querem receber financiamentos e não investem na sociedade. Há muitas crianças que estão sem meios,

não têm bases ao nível da educação e isso também depende dos pais, que não tendo os meios económicos e eles próprios a educação para passar os valores acabam por criar filhos com os mesmos problemas do que eles.

É importante também ter conhecimento da própria história e da própria cultura para formar uma sociedade melhor e isso depende também do trabalho e da vontade que as pessoas têm para lutar pela vida. Se eu fosse uma pessoa com poder de decisão criaria mais postos de trabalho e tentaria dar mais estabilidade às pessoas para conseguir alcançar os objetivos da sociedade, para o bem estar e um futuro melhor. A educação é fundamental, sem ela não há respeito, não há sociedade, não há nada, por isso temos regras na sociedade, ela é a base de tudo! É importante ir além do nível de escolaridade obrigatório, mas hoje em cada dia eu noto no trabalho que as crianças estao ser prejudicadas, por crescerem sem bases nem valores para compreender a sociedade, não sabem poupar, estão muito viciadas... como os pais trabalham sempre, não passam tempo com eles. Hoje em dia são muito poucas as mães que passam tempo com os filhos, quase todas trabalham, não é como antigamente em que as nossas mães tinham muito tempo para estar connosco. Quem tem dinheiro contrata uma empregada para ir buscá-los à escola.

A situação no mercado de trabalho atual é muito difícil, parece quase impossível que a situação melhore. Se eu fosse empregador, primeiro avaliava as qualidades do trabalhador e as suas capacidades para lidar com as tarefas que teria que cumprir.

Segundo, daria subsídios/ extras a quem realmente merece, para motivá-los a dar o melhor. Poderia ser um subsídio ou qualquer outra coisa para motivá-las a melhorar sempre. Acho que o essencial para trabalhar bem e em grupo é um bom ambiente de trabalho, onde não haja pessoas a falar mal uns dos outros, isso é inútil e destrutivo para uma boa prestação de trabalho.

No futuro acho que vai haver um retrocesso, vamos voltar atrás, só vai haver ricos e pobres... isso é muito mau, porque se nós até hoje conseguimos alcançar os objetivos que já tínhamos na vida, ter uma casa, um trabalho, agora estamos a ficar sem nada... seremos os novos pobres e isso vai levar a suicídios, a mais consumo de droga, isto vai ser um desastre...espero que não seja assim!

NATUREZA DE EXPLORADOR

## VI.Entrevista

Hugo da Silva é um homem atualmente desempregado, não deixando de perder a esperança num futuro melhor, apontando alguns caminhos para que isso aconteça.

Nome: Hugo Da Silva

Idade: 47

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Condição face ao emprego: desempregado

Nível de escolaridade: 9º ano

O ser humano pensa que se a pessoa não trabalha, passa a vida em casa, não convive com outros seres humanos, não está ativa, perde o interesse nas coisas, eu antes também tinha ideia que não queriam trabalho, mas agora que também eu estou desempregado, compreendo a situação, durmo mal, às vezes estou com dor de cabeça, e começo a perguntar "como é que vai ser? Como vou conseguir acabar com isso? E como faço com os meus filhos? Será que eu vou aguentar com a minha saúde a ponto de não

chatear ninguém?". Há muita gente na minha situação e percebo que na realidade não é fácil, para mim, para os filhos, como vai ser? Poderei aguentar? Talvez seja melhor comunicar mais com as outras pessoas para trocar informações e conhecimentos acerca de ofertas de trabalho, às vezes isso pode ser uma solução. Há alguns dias vi um senhor que podia ter a minha idade, a procurar coisas, comida no lixo… eu estava num parque a fazer um telefonema, isso deixou-me tão triste que fui-lhe perguntar porque estava a fazer aquilo. Ele respondeu que não tinha dinheiro, não tinha nada para comer. Apesar de ter eu também muito pouco nos meus bolsos, dei-lhe 80 cêntimos pelo menos para comprar um pão. Realmente há pessoas que estão numa situação pior que a minha, que realmente precisam de um apoio psicológico, de uma ajuda. Vivemos numa sociedade tão individualista, estamos tão sozinhos…

Na realidade em que vivemos eu acho que se chegámos a esse ponto a culpa é dos nossos governantes, não se vê motivação para criar trabalho e para melhorar as coisas, o governo não fez as coisas da maneira correta, não teve continuidade nas coisas, são todos egoístas, cada vez é pior, para chegar a esse ponto acho que a culpa também é deles.

A base mais importante que nos fez estar tão sozinhos e tão indiferentes um com o outro, está ligada à nossa educação, como fomos educados na nossa vida. Hoje em dia os pais não passam os valores de solidariedade, nas crianças é sempre uma luta para ver quem é melhor, são os pais que fazem com que os filhos sejam assim, dizendo-lhe "não vás

com esse, não vá com aquele, este é sujo, aquele não veste bem… e coisas assim". Não digo que sejam todos assim, por exemplo o meu filho foi de férias com os pais de um amigo da escola, que o levaram mais quatro miúdos, ele gostou muito, mas se calhar os pais não conhecem as condições económicas dele e eu senti-me muito mal porque os outros pais foram ver os filhos, conviveram e passaram tempo com os filhos e com aquela família, eu senti-me muito mal porque não pude ir lá, porque não tinha nada para oferecer…

Se eu não estivesse em Viseu se calhar teria encontrado um trabalho, aqui não há empresas, esta é uma cidade que não tem fábricas, mas ao invés tem muitos espaços verdes e boa qualidade de vida, não há poluição, isso é verdade, como é verdade que se calhar num lugar com mais oportunidades de trabalho também há muita poluição. Tenho a certeza que numa cidade maior, com mais indústria, teria mais oferta. Também tinha pensado criar o meu emprego, mas também não é fácil, não tendo dinheiro…

Uma vida digna é ter um teto para dormir, ter as condições mínimas para sobreviver, ter uma vida ativa, proativa, em que não esteja em casa a olhar para o ar, partilhar a vida com os outros. Vida digna é ter um trabalho para conseguir envelhecer com qualidade. Isso significa também ter direito à saúde, à medicação, à nossa higiene pessoal, não sentir discriminações só pelo fato de ser velho, também ter os nossos direitos como cidadãos.

Se eu pudesse mudar o meu dia a dia eu divulgaria minha condição, tentaria ir para outro

país, mais já estou com uma idade em que não posso fazer muita coisa, não tenho muitas oportunidades. Se eu pudesse mudar as coisas a nível económico, tentaria melhorar as condições da indústria e da produção, mas faria isso a partir de uma investigação, só depois de uma boa avaliação se poderia escolher que tipo de investimentos económicos fazer. Ao nível social criaria congressos para tentar divulgar casos de boas práticas e de pessoas que conseguiram mudar a sua vida, mas também tentaria incentivar a pensar no próximo para acabar com esse individualismo, hoje nem as crianças são sociáveis, brincam sozinhas, com o computador, são como máquinas, sempre com o computador, não têm noção do que é o tempo e acabam por passar ao lado muitos acontecimentos. Acho que ao nascer passamos por fases diferentes, a nossa fase de brincar, a fase adolescente em que já queremos saber o que que se passa no mundo...o que está a acontecer agora é que cada um pensa só por si e acha que ele e os filhos são e têm que ser sempre os melhores, não se passa os valores da igualdade. Acho que isso também está ligado à crise, se calhar se a governar tivéssemos uma pessoa mais sensível e com o espirito altruísta, que se preocupava com os outros, acho que não teríamos chegado a esse ponto.

A educação em Portugal é acessível, depende da vontade das pessoas… no liceu deve haver um subsídio escolar para as pessoas que querem estudar, se houver a vontade eu acho que é possível, a escolaridade é um direito em que jamais deveríamos tocar. Eu por exemplo tenho um primo que é jornalista, os pais dele são agricultores e ele vinha comigo

pastar as vacas, ele dizia-me “um dia eu entrevistarei o Presidente da República, um dia vou conseguir….” Ele agora já conseguiu! Entrevistou muitas pessoas importantes, o importante é a vontade. Há sítios, também bairros pobres de onde saem muitas pessoas com grandes cérebros, como no Brasil, naquele bairros de lata, sempre pensamos que lá só há pessoas delinquentes, mas muitas vezes acontece que a realidade obriga-os a fazer isso. Muitas vezes acontece também que essas pessoas não têm nada a ver com a criminalidade, mesmo vivendo naqueles bairros. Acho que as pessoas nascem, crescem sem apoio, sem carinho, acabam por ser criadas no meio da pobreza e do vandalismo. Se houvesse a oportunidade de mudar também poderiam mudar de atitude, mas muitas vezes ninguem dá oportunidade. Se se criassem grupos, com pessoas mais motivadas, poderiam motivar outras pessoas!

A situação do mercado atual é péssima, se eu fosse empregador faria um tipo de seleção melhor para que houvesse mais êxito na empresa. Tentaria criar mais motivação nas pessoas, acho que a maior parte dos empresários não tem relação com os empregados, eles vêem-nos como uma máquina, como um robot, acho que se eu estivesse nessa condição tentaria resolver as coisas diretamente, sem intermediários, procurava fazer com que eles tivessem mais vontade de trabalhar através de prémios, arranjava maneiras para que eles estivessem mais satisfeitos, trabalhar como se fosse para eles... daria o que eles merecem, não faria do trabalho uma obrigação, mas tentaria fazer que com que eles gostassem do que fazem... motivava-os. Há pequenas coisas que mudam tudo, por

exemplo, praticar desporto com os funcionários, partilhar experiências, conhecer uns aos outros, haver intimidade. Acontece que os próprios funcionários agora mais que antes, sentem-se eles próprios objetos, sentem-se como máquinas...

Os nosso governantes ganham fortunas e os outros ganham uma coisa mínima, isso não é correto, uma pessoa tem que viver o seu dia a dia, mas será possivel que haja tantas desigualdades?...

Eu não quero acreditar que isso vai piorar, estamos numa situação dificil, mas também há muitas pessoas que estão a mudar de atitude, penso que essa geração pode ser capaz de melhorar... mas é tudo uma incógnita! A natureza tem mais poder que nós, tem o poder de fazer mudar as coisas!

# EVOLUÇÃO

## VII. Entrevista

Manuel Ribeiro aponta algumas pistas para o futuro do mundo, analisando as causas e consequências da evolução tecnológica para a vida das pessoas.

Nome: Manuel Ribeiro

Idade: 44

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Condição face ao emprego: desempregado

Nível de escolaridade: 7° ano

Acho que é um pouco a personalidade das pessoas portuguesas que faz com que o Estado chegue a esse ponto de exclusão social e de pobreza; porque o português também é diferente do resto da Europa, temos o prazer de ver os outros cada vez mais a afundar, eu estava a falar com a minha esposa que para o Estado dar alguma coisa, tem que se sujeitar... acho que em Portugal há uma pobreza mais mental, não tanto de bens materiais mas mental, mais ao nível da psicologia. A pessoa às vezes não se esforça para procurar mais recursos para melhorar a vida, deixa-se ir em vez de se levantar, ao nível da pobreza a falta dos recursos tem a ver com a falta de esforço pessoal.. essa é a minha visão da realidade, a pessoa não se esforça para ser melhor, não luta, muitas vezes é

falta de vontade para ir para a frente. Todos deveríamos dar um passo em frente.

Acho que se não há trabalho a culpa não é da cidade onde vivo, é mais uma questão relacionada com a evolução das empresas, está tudo a ficar mais robotizado e hoje onde se mete um robot há mais de 30/ 40 pessoas a ir para a rua. Se no futuro o nível do desemprego aumentar, acho que é mais uma questão de tecnologia e de sofisticação das máquinas, é um passo de que não nos estamos a dar conta mas que está a acontecer muito rapido, cada vez se mais precisa de menos pessoas a trabalhar. As empresas não precisam mais de ter vendedores na rua porque elas próprias se ligaram ao cliente, antigamente tínhamos que ter um porta voz, que era a cara da empresa fora dela, agora esse deixou de existir, o porta voz é a internet e o cliente está conetado com a empresa. Ao nível dos armazéns, também isso está a deixar de existir, porque o trajeto do material é mais curto, não é preciso  passar por outros lugares se o cliente pode pedir diretamente à empresa. Isso também aconteceu na minha empresa, levou ao meu desemprego, isso tem a ver com a qualidade da evolução. Ela não deixou de existir,  continua a ser uma das melhores, só que agora não precisam mais de pessoas que fazem o meu trabalho. As tecnologias estão a destruir o mercado de trabalho, se temos máquinas para trabalhar, também precisamos de homens para comprá-las, mas se não temos dinheiro para comprar, não interessa ter fábricas, então só temos que arranjar uma medida para sair disso. Ou voltamos ao passado, com a troca...eu construo um carro e tu produzes motas,

então se eu precisar de uma mota vou trocá-la com o que eu produzo. Tudo é robotizado, um homem pode controlar muitas máquinas e fazer o trabalho que antigamente faziam muitas pessoas, como o trabalho na terra, agora uma maquina é capaz de cultivar, recolher e armazenar tudo...

Hoje em dia há muito mais pessoas a trabalhar em casa, com internet não precisamos de nada, estamos mais descansados, mais à vontade, e também a empresa gasta menos dinheiro, a pessoa está menos stressada, menos controlada e mais criativa...

Dignidade é conseguir ganhar para o dia a dia, ensinar aos nossos filhos os valores e passar uma boa educação, ensinar a viver sem inveja dos outros. Isso é que interessa, mas também ajudar o próximo, isso ajudaria a sentir-nos melhor no fim do dia, assim a vida tem um objetivo. É muito importante estar perto da familia, isso faz-nos envelhecer com qualidade. Estar num bom local de trabalho para manter a família unida, isso faz a nossa vida ser uma vida de qualidade. Há sempre alguma coisa que nos faz ir um pouco abaixo, mas sempre temos que pensar positivo, ser cada vez mais alegres, viver o dia a dia da melhor maneira, mesmo com uma doença grave, que é uma coisa que espero que nunca ninguém tenha.

É importante levantar todos os dias cedo com novos objetivos para melhorar o nosso dia a dia e para resolver todos os problemas, para ganhar o dia. É necessário ter sempre

força de vontade, mesmo que ela não exista, temos que lutar para encontrá-la. Como os brasileiros dizem, é sacudir a poeira e seguir em frente. A gente tem que se acostumar, não podemos ter muito, há que aprender a viver com pouco.

Se eu pudesse mudar as coisas, ao nível de estudos eu exigiria muito mais dos professores, também criava um sistema para manter a continuidade nas atividades nas férias, para ajudar os pais que cada vez trabalham mais e nao podem ocupar-se dos filhos. A educação escolar tem um papel muito importante na vida das crianças e esse papel, além dos pais, deve ser cumprido pela escola. Ao nível ambiental acho que se deveria preservar mais as áreas verdes. Ao nível dos postos de trabalho é necessário potenciar a indústria, apoiando empresas com muita qualidade, cada vez mais há empresas que tentam ter a "barriga cheia", sem pensar nos funcionários, cada vez mais há empresas com pouca qualidade que não satisfazem os interesses dos trabalhadores... Ajudaria empresas que querem entrar no nosso mercado para dar trabalho, por exemplo não fazendo pagar os impostos. Empresas como a Toyota, Mitsubishi, que quisessem entrar no nosso mercado, isso podia ser uma possibilidade para um bom acordo, as fábricas dariam postos de trabalho e muitos benefícios para os trabalhadores...estamos a fechar a porta aos países que nos querem ajudar!

Seria hoje em dia necessário ter mais inclusão, mais união, que o povo esteja mais unido, são necessárias cada vez mais associações para criar mais agregação. Isso deveria partir

dos cidadãos, mas se não houver vontade não conseguimos fazer nada.

Acho que hoje em dia ao nivel de educação não há exclusão social nenhuma, as pessoas que são mais racistas são as que mais criticam. Os ciganos, por exemplo, acho que não querem trabalhar e integrar-se na sociedade, acho que seria melhor ter mais regras, mais exigências e uma educação melhor também para os pais, isso faz que as gerações futuras sejam melhores e mais educadas. Também a segregação em bairros fechados, isso não vai levar a nada, a nenhuma alteração no caráter deles, se calhar dividi-los seria melhor para permitir a integração deles na sociedade. Eu trabalho lá nesses bairros várias vezes mas não posso entrar, é muito perigoso, acho que a divisão traria mais efeitos positivos. Se a maioria faria o bem, teriam menos pessoas fazendo coisas más. Ha exemplos bons disso, ciganos que moram sozinhos, não em comunidades fechadas é uma coisa positiva para estimular a integração.

Se eu fosse empregador gostaria ter uma empresa com pessoas a trabalhar, uma empresa mais social, com mão de obra do ser humano. Não seguiria o processo tecnológico, mas o social, as pessoas não se dão conta do que é perder esse contato com a natureza, com o trabalho manual.

Há muita gente que só depois de sair disso se dá conta do valor da paisagem, do contacto com a terra...hoje em dia a máquina faz tudo, não é preciso ter muitas pessoas...

Vejo cada vez mais evolução tecnológica e cada vez menos postos de trabalho, os proprios Estados em si não se estão a dar conta disso, mas ao nível mundial não podemos estar a pensar que isso vai mudar, porque a tecnologia se desenvolve tão rapidamente que não temos nenhum poder sobre ela, e também não podemos fazer que povos como os africanos não venham a ser como nós, se eles seguem o mesmo caminho que nós fizemos vão mesmo acabar como nós. Agora muitos europeus estão lá a tentar construir casas, impor o nosso modelo económico, transformar aquela sociedade tão antiga e diferente da nossa. Acho injusto! E depois? Eles vão comprar as máquinas europeias, vão chegar ao mesmo ponto que nós ou criamos o sistema da troca e fazemos que o benefício seja comum.

MAR EM MOVIMENTO

## VIII. Entrevista

José Almeida faz uma análise do estado atual das coisas, destacando a transição histórica com rumo incerto em que vivemos hoje, referindo-se às principais caraterísticas das sociedades atuais, nomeadamente a desagregação do Estado Providência, a perda das garantias, a passagem do local para o global e as mudanças no mercado de trabalho.

Nome: José Almeida

Idade: 43

Sexo: masculino

Estado civil: divorciado

Condição face ao emprego: desempregado

Nível de escolaridade: licenciatura

Estamos a passar um momento complicado, de grande transformação daquele que é o valor do trabalho e da regulação do mercado. Então há um desequilíbrio entre a oferta e a procura e os valores que são atribuidos em relação ao que uma pessoa pode desenvolver, as suas capacidades e competências devido à globalização, há uma desregulação. Há competições entre o norte e o sul, países emergentes como a China, que tem desenvolvido muito o seu PIB, também o Brasil... isso perturbou e trouxe a crise,

antes o nosso mercado era favorável em termos de oportunidades e trazia segurança no emprego. Fala-se de flexibilizar o mercado de trabalho mas isso é pernicioso, porque as relações entre capital e Estado Providência, entre o que era dado ao trabalhador e o que ele tinha que produzir mudaram,o sistema de segurança social, direito à saúde e à educação começou a ser posto em causa. Portugal não tem grandes recursos e torna-se difícil competir com grandes potências... as pessoas hoje trabalham para comer. O Estado Providência está hoje desregulado, tal como os valores. Os próprios Estados já não regulam tanto a economia, mas sim as multinacionais, que dominam o comércio global. A igualdade na distribuição de riqueza está ameaçada, o mercado e os empregadores querem contratar as pessoas cuja remuneração será mais baixa para fazer face aos mercados emergentes. As conquistas que fizemos perderam-se, este é um momento de transição histórica cujo final não sabemos. Há manifestações nos países porque o mercado está descontrolado, surgem paraísos fiscais e os dirigentes políticos são reféns disso. As classes médias estão cada vez mais fragilizadas, não existe garantia de recompensa relativamente aos descontos que se fez por vários anos para a Segurança Social. Foi prometido aos jovens um sonho europeu, no pós guerra criar condições de paz, desenvolvimento e solidariedade, que está hoje comprometido.

Estamos afetados sempre pelo contexto, pela relação que temos com os outros e com a representação que os outros têm de nós. É importante haver uma coerência entre os

nossos objetivos e o que os outros esperam de nós, além do que a sociedade nos pode oferecer. Hoje em dia as pessoas emigram porque a sociedade não oferece muito, colocando em causa o futuro do país na medida em que perdemos o nosso capital humano. O Estado já não dá as garantias de antes. Nós nascermos num sítio ou noutro, numa condição ou outra, determina profundamente a nossa vida, mesmo que tracemos metas, o meio envolvente pode tornar isso mais ou menos difícil. Muita gente gostaria de ver reconhecido o seu trabalho em Portugal por ser o seu país de origem, mas isso não acontece. Há cada vez menos esperança e mais insegurança no futuro. O capital humano, património histórico e cultural, a identidade, vão-se tornando menos relevantes, em detrimentos de países hegemónicos como a Alemanha e do mercado sem regras. O local é substituído pelo âmbito global, que poderia ser bom se o capital humano no país não fosse subvalorizado. As consequências são o oposto ao que era o sonho europeu.

Vida digna é termos alguma paz de espírito e consciência de que a nossa participação seja útil e o mais próxima daquilo em que acreditamos. Existem também condições mínimas para a vida digna, uma pessoa despedida de uma fábrica e desempregada não tem uma vida digna, vê questionado de um momento para outro tudo o que viveu, deixa de poder pagar a casa, pode viver uma pobreza envergonhada, começar com uma depressão... há organizações e formas de dar ânimo às pessoas que passam por essa perda de dignidade, que por acidentes de percurso são colocadas em situações limite e

passam a ser vistas como pessoas indesejáveis, fora do sistema. Os responsáveis políticos têm muita culpa nisso, sendo posto em causa o direito ao trabalho, à saúde, levando à falta de identificação do povo com aqueles que governam. As pessoas preferem ver resolvidos os problemas básicos, não querem guerras, submarinos, entre outras coisas... a vida digna tem que ser exercida de uma forma ativa para envelhecer com qualidade. Há que dar os passos corretos na vida para que a velhice seja melhor, depende muito do esforço individual... depende do trabalho, dos afetos, da participação na sociedade, do não desistir. Há opções, decisões, que precisam de ser tomadas com coragem, lutar por causas para contribuir para o envelhecimento digno, porque isso traz paz de espírito, tentar não cometer erros, procurar o apoio da sociedade, ter um sentimento de pertença, estar sempre ligado a grupos.

É necessário haver organização para melhorar o dia a dia, estar recetivo à descoberta, estabelecer metas, acreditar em sonhos e na sua realização, fazer esforços, ter determinação e pragmatismo, disciplina. Os povos mediterrânicos têm mais dificuldades com isto. Ao mesmo tempo somos mais espontâneos e isso é bom. Por exemplo na Grécia, com a crise, existem hoje trocas de serviços, por exemplo, pessoas com conhecimentos em línguas podem passá-los para quem sabe de eletricidade e vice-versa. Quando nascemos uns partem logo à frente de outros pela circunstância do contexto mais ou menos favorável, mas ninguém é perfeito.

Se tivesse a responsabilidade de decidir o que é mais justo para os outros, tentaria lutar contra a desigualdade no acesso a oportunidades, rendimentos. Pode haver uma Constituição com muitos princípios e normas estabelecidas mas depois não são cumpridos. Algumas parecem lógicas mas a burocracia impede a sua concretização. Em Portugal e outros países há crianças que vão à escola e passam fome porque o Estado não lhes consegue garantir alimentos. Já que as coisas estão tão mal, devemos alterar as coisas num sentido positivo. Não devia haver uma diferença tão grande entre quem negoceia na Bolsa e pode ganhar milhões num dia e outros que podem trabalhar horas e horas e nunca chegarem lá. Ao nível económico tentaria equilibrar as coisas. Ninguém deveria estar 18 horas a trabalhar para ganhar um prato de comida, como acontece na China, por exemplo. As pessoas para chegarem ao trabalho não deveriam ter que passar horas numa fila de trânsito. O progresso levou realmente a uma regressão civilizacional.

Há muitos carros, muita tecnologia, mas os valores deixaram de existir. Às vezes há o desejo de voltar ao passado.

Tentaria estabelecer uma política concreta ao nível cultural, parece que em Portugal o governo pede sempre alguma coisa em troca aos artistas. Há coisas básicas, como o respeito pelo património, pela cultura material e imaterial, fazer sentir nas escolas que o outro, por mais diferente e estranho que possa parecer, pode trazer-nos sempre algo para nos ensinar. Tentaria fazer perder a mentalidade tão competitiva a esse nível e eliminaria

o pensamento uniforme. Seria subversivo para colocar em causa a aparente harmonia, que no final não corresponde àquilo que nós realmente encontramos. É necessário haver o respeito pelas diferenças dentro de critérios razoáveis, sem deixar atropelar os direitos humanos.

A educação em Portugal não é acessível a todos. A sociedade, apesar de termos uma escola pública, as condições sócio- económicas das pessoas e das suas famílias, os seus níveis de acesso a conhecimento e recursos não são iguais. Não é a mesma coisa ter a possibilidade de comprar todos os livros escolares ou não ter dinheiro para pagar medicamentos. O acesso aos bens culturais é diferente. A escola em si não faz essa distinção, mas a competitividade e seleção natural tende a privilegiar aqueles que se encontram mais próximos de uma classe social alta do que os têm um esforço redobrado por nunca terem tido facilidades de acesso. Não é a mesma coisa completar um ano com grandes esforços e, por exemplo, ter acesso a explicações com melhores professores que aqueles que dão aulas na escola. A diferença económica reflete a elite, que reproduz os seus modelos. Numa sociedade competitiva isso tem os seus efeitos, também nas universidades, com as propinas. As pessoas nas escolas acabam por ser categorizadas. Assume-se que quem está no topo da escada tem capacidades para ser competente mas ao lado há alguém a fazer um esforço maior e com mais mérito sem acesso a tantos bens culturais.

O mercado de trabalho atual é um desespero para muitos portugueses e também ao nível global, estamos a passar um período em que é muito mais fácil despedir, pode-se ter muitas competências, mas há escassez de ofertas de trabalho. Alguém com grandes conhecimentos e que estudou uma vida inteira para desempenhar uma profissão pode ser obrigado a desistir do sonho porque tem necessidades básicas para cumprir. Portugal nunca teve gente tão qualificada mas atualmente mesmo pessoas com grandes capacidades não vêem saídas aqui, o que provoca o desenraizamento, deixar a família para emigrar, realizar-se profissionalmente. As taxas de desemprego nunca foram tão altas. Foi-nos dado o sonho de acesso a uma forma de vida compatível com os países mais ricos da Europa, mas na verdade tudo isso foi uma ilusão. Nas democracias recentes não houve previsões por parte dos políticos, que não perceberam de imediato as novas formas de regulação do mercado de trabalho.

Se fosse um empregador tentaria ter responsabilidades, é quase como dirigir a vida das outras pessoas, se as coisas correm bem ou mal estou a afetar a vida dos empregados. Tentaria ser colaborativo, numa hierarquia não tão vertical, mais horizontal. Se a pessoa tem a capacidade de investir deve repercutir esse investimento nos próprios funcionários, valorizando-os e promovendo o bem comum. Faria com que o futuro da minha empresa estivesse relacionado com a satisfação dos funcionários, que poderiam dar-lhe esse

futuro. Isto dá-lhes condições de vida dignas e assegura o futuro da empresa.

No futuro quero colaborar em projetos ligados a direitos humanos, coisas que gosto de fazer, estar ligado à fotografia, ter objetivos pessoais mas associados a uma causa que possa contribuir para mudar um pouco as coisas, retribuir à sociedade aquilo que faço com mais paixão. Sentir-me-ia bem numa comunidade onde houvesse valores próximos daqueles em que acredito, abdicaria de bens materiais para isso. Há muitos caminhos, mesmo quando parece que estamos numa encruzilhada... estou a dar passos pequenos nesse sentido, mesmo com erros que por vezes se comete e com decisões não tão certas. Espero que no futuro haja mais agregação e participação social. Há coisas que pareciam utopia no mundo e acabaram por se realizar, há sempre uma ilha onde podemos concretizar o nosso sonho.

## Notas finais

Depois do conjunto de entrevistas apresentado, queremos fazer notar que o objetivo deste trabalho não é o de criar um guião para resolver os problemas da sociedade. Não nos preocupámos igualmente em encontrar uma amostra representativa de pessoas em situação de pobreza. Tentámos, no entanto, entrevistar com profundidade algumas pessoas que atravessam ou atravessaram dificuldades no seu percurso de vida, escolhendo pessoas heterogéneas com a caraterística comum de estarem ou terem estado em situação de pobreza e exclusão social. O grande motivo para a publicação deste documento está relacionado com a necessidade de dar voz a quem normalmente não a tem, sabendo-se que a pobreza e exclusão social poderá ser muito mais reduzida se deixarmos que todos tenhamos um papel na resolução desse problema, a começar pelos principais intervenientes no mesmo, no caso as pessoas que estão concretamente dentro dele. Assim, foram apresentadas de forma anónima situações dificeis, opiniões não consensuais, para que estas possam chegar a pessoas da sociedade civil que têm muitas vezes ideias pré-concebidas sobre a pobreza e exclusão social, mostrando que este fenómeno tem diversas causas e consequências, não se esgotando diretamente nas referidas ideias feitas. É de notar que algumas dessas ideias pré-concebidas são reproduzidas por algumas pessoas em situação de pobreza relativamente a outros grupos sociais.

A construção de um mundo melhor só pode ser feita a partir da participação do conjunto da sociedade no seu todo, porque se não o for, os alicerces não serão suficientemente fortes para evitar a queda.